



Por uma intelectualidade feminina negra ancestral na música

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO DE PESQUISA

SIMPÓSIO: MÚSICA E PENSAMENTO AFRODIASPÓRICO

Stefani Silva Souza¹
Universidade de São Paulo/USP
Stefani.silvasouzaa@gmail.com

Resumo. A inserção de mulheres negras na universidade tem possibilitado a emergência de outras formas de pensar, escrever e produzir ciência, evidenciando a importância das experiências corporificadas e ancestrais na construção de conhecimentos musicais. Resultado parcial de uma pesquisa de mestrado ainda em andamento, este trabalho busca refletir sobre as contribuições das corporeidades negras femininas para o campo dos estudos musicais, compreendendo o fazer acadêmico como um espaço atravessado por marcadores de raça, gênero e classe. Partindo de uma perspectiva afroreferenciada, ancorada em autoras e autores do pensamento negro e decolonial, discute-se como as subjetividades e experiências de mulheres negras podem constituir outras possibilidades de interpretação, criação e produção de conhecimento em música. Argumenta-se que a incorporação dessas epistemologias não representa um afastamento das questões musicais, mas, ao contrário, amplia as formas de compreender as musicalidades e contribui para a construção de uma ciência mais plural, inclusiva e comprometida com a diversidade de saberes e existências.

Palavras-chave. Mulheres negras na música; Epistemologias femininas negras; Corporeidades negras na música; Feminismo negro radical; Intelectualidade orgânica.

Title. Toward an Ancestral Black Feminine Intellectuality in Music

Abstract. The inclusion of Black women in universities has enabled the emergence of new ways of thinking, writing, and producing science, highlighting the importance of embodied and ancestral experiences in the construction of musical knowledge. This paper presents partial results of an ongoing master's research project and reflects on the contributions of Black female corporealities to the field of music studies, understanding academic practice as a space traversed by markers of race, gender, and class. Drawing upon an Afro-referenced perspective, grounded in Black and decolonial scholarship, this study discusses how the subjectivities and experiences of Black women can constitute alternative possibilities for interpreting, creating, and producing knowledge in music. It argues that incorporating these epistemologies does not represent a departure from musical issues; rather, it broadens the ways of understanding musicalities and contributes to the construction of a more plural, inclusive, and socially engaged science, committed to the diversity of knowledges and forms of existence.

Keywords. Black women in music; Black feminist epistemologies; Black corporealities in music; Radical Black feminism; Organic intellectuality.

¹ Stefani Silva Souza é mestranda no Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade de São Paulo (USP). O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.



Lançar-se: minhas aproximações

E eu me lanço, tal qual as águas em movimento
Eu me lanço como um corpo carregado de sonoridades
Um corpo fértil e dinâmico
Eu me lanço
Eu me lanço até o lugar em que as palavras possam me alcançar
E elas me perseguem
Me conduzem
Dançam pelos meus gestos e corporeidades

E o que é a corporeidade feminina negra ancestral?
O que é a corporeidade feminina negra em música?
Talvez, uma possibilidade de interpretação de Brasis
Um convite a construção de um corpo organizado de conhecimento ao qual chamamos de epistemologia
E esse corpo pulsando, um corpo-negro-território, como bem evocava Beatriz Nascimento
Um corpo pulsante e feliz
E as palavras correm
Elas circundam
Perseguem
As palavras estão aqui, elas não fogem
O hálito, a voz que começa a dizer dizeres de forma trêmula
E o registro que escorre pelas pontas do dedo através de um teclado morto

Os sonos
E as vezes eu não conduzo
Aceito ser conduzida pelos sonhos
Pelos sons
E é tudo no plural
Nessa viciante coreografia da polissemia de cada palavra sonora
A ação
E o pulsar
Um sistema nervoso que escorre pelas veias
Talvez, eu me repita
E eu repito mesmo
O repetir não me torna cansativa
Me faz uma mulher assertiva
E eu vou repetir
Eu vou falar
Eu vou cantar
Porque as palavras que me atravessam
Os sons que me antecedem
As cores
A minha pele
Os fios do meu cabelo
Tudo isso é minha construção intelectual

E é tudo mesmo
Sem exageros, sem modéstia
Assumo o meu protagonismo
Escrevo rápido
Mas também posso escrever lento
Acontece que eu nunca perco o tempo
O ritmo, o pulsar enquanto acontecimento musical está dado
E as palavras não estão organizadas aqui por acaso





E quem sabe tudo isso e mais um pouco seja a tal corporeidade negra, múltipla e feminina que a gente tenta descrever?

Quem sabe...

Eu estou aqui

Organizada, mas sem modéstia

E eu faço bem minha pesquisa

Referenciando Júlia Costa: mesmo que na merda eu pense como uma diva

E eu não só penso, eu busco minhas referências, faço bem minha pesquisa

O verbo é ação

O fazer é ação

E tudo conflui no movimento de construção de uma intelectualidade orgânica feminina negra²

Abro este trabalho com um poema de minha autoria. Mais do que um recurso estético, o poema constitui uma escolha política e metodológica, por meio da qual busco introduzir o leitor à temática proposta a partir das subjetividades que atravessam a experiência artística e a produção do conhecimento. Ao assumir a escrita como espaço de elaboração crítica, compreendo o texto acadêmico não apenas como registro de uma pesquisa, mas como possibilidade de intervenção no mundo, de produção de memória e de construção de epistemologias comprometidas com a transformação social.

Discutir a constituição de um corpo organizado de conhecimento, especialmente em perspectiva comunitária e afrodiaspórica, implica refletir sobre os processos que envolvem o tornar-se intelectual negra em uma sociedade historicamente marcada pelo racismo, pelo sexismo e pela colonialidade. Trata-se de compreender como mulheres negras produzem saberes a partir de suas experiências, trajetórias, ancestralidades e modos próprios de existir, articulando subjetividade, coletividade e compromisso político. Nesse sentido, pensar a intelectualidade negra feminina na música exige reconhecer que a produção de conhecimento não se limita aos espaços formais da academia, mas se constitui também nos territórios da memória, da oralidade, da religiosidade, da performance e das práticas culturais que sustentam a vida comunitária.

É a partir dessa compreensão que este trabalho se insere. Resultado de uma pesquisa de mestrado em andamento, o estudo busca analisar as corporeidades negras femininas na música, investigando como esses corpos se movimentam, ocupam espaços, constroem relações e produzem sentidos por meio das sonoridades. Interessa compreender de que maneira as experiências de mulheres negras vinculadas às tradições afro-religiosas contribuem para a elaboração de formas outras de pensar a música, a produção de conhecimento e os modos de existência no contexto brasileiro.

² Poema da autora intitulado, “Lançar-me com as palavras, com as águas”.



Neste trabalho, compreendo corporeidades negras como corpos dinâmicos, plurais e férteis, capazes de inscrever-se de forma autônoma na história a partir de suas cosmologias, filosofias, práticas culturais e formas de relação com o mundo. Distancio-me, portanto, de perspectivas que reduzem o corpo a uma dimensão biológica ou meramente representacional. As corporeidades negras são entendidas como territórios de memória, produção de conhecimento, elaboração estética e resistência política, constituindo-se como lugares de formulação intelectual e de reinvenção contínua da existência em contexto de diáspora.

A partir dessa perspectiva, proponho refletir sobre a construção de um pensamento intelectual orgânico radical feminino negro na música, investigando como essa intelectualidade se movimenta, produz conhecimento e elabora estratégias de permanência, criação e transformação social. Ao mesmo tempo, busco tensionar os modos tradicionais de produção acadêmica, questionando a centralidade de referenciais eurocêntricos que historicamente organizaram o campo musical e promoveram a invisibilização de outras formas de saber.

Por fim, este trabalho se apresenta na encruzilhada como princípio ético, político e metodológico. A encruzilhada é compreendida não apenas como metáfora, mas como espaço de encontro, trânsito, negociação e criação, a partir do qual diferentes saberes podem dialogar sem que suas especificidades sejam apagadas. É nesse movimento que o aquilombamento sonoro emerge como possibilidade de construção coletiva de conhecimento, orientando reflexões sobre a escrita, a pesquisa e as práticas musicais. Assim, busca-se contribuir para a formulação de caminhos que permitam pensar uma música comprometida com a vida, com a memória, com a ancestralidade e com a construção de relações sociais mais justas em nosso país.

O fazer acadêmico feminino negro

Antes de qualquer definição, ou proposta de análise, cabe a mim, autora deste trabalho, me situar e me inscrever através das palavras, dos movimentos e das muitas águas que atravessam essa pesquisa. Me inscrevo e assumo o meu protagonismo enquanto uma mulher negra intelectual, mestranda em musicologia, professora, instrumentista e em constante transformação e formação de uma identidade intelectual feminina radical.

A identidade intelectual feminina radical busca promover outras possibilidades de relação com a pesquisa e a arte sonora construída sob a perspectiva da mulher negra, reconhecendo a importância do seu mover em nossa sociedade. Portanto, me situo através das



palavras para escrever a minha própria história. A história não oficial, mas necessária para uma práxis musical antirracista. E é nesse sentido que o fazer acadêmico acontece, por meio das corporeidades manifestadas de forma insubmissa a miséria, ao racismo, a misoginia e aos demais preconceitos que insistem em atingir determinados corpos em nossa sociedade.

Deste modo, pensar o fazer acadêmico feminino negro exige refletir sobre as condições históricas que atravessam a produção de conhecimento no Brasil. Ao longo da história da educação, a universidade constituiu-se como um espaço marcado pela predominância de perspectivas masculinas, brancas e eurocentradas, estabelecendo hierarquias que definiram quais saberes seriam legitimados e quais experiências permaneceriam à margem dos processos de construção de conhecimento.

A autora, pesquisadora, intelectual e mulher negra, Lélia Gonzalez, irá discorrer de forma mais profunda sobre tais questões até então apresentadas. Analisemos:

[...] o racismo estabelece uma hierarquia racial e cultural que opõe a “superioridade” branca ocidental à “inferioridade” negro-africana. A África é o continente “obscuro”, sem uma história própria (Hegel); por isso a Razão é branca, enquanto a Emoção é negra. Assim, dada a sua “natureza sub-humana”, a exploração socioeconômica dos americanos por todo o continente é considerada natural. (Gonzalez, 2020, p. 135).

É interessante perceber como Gonzalez descreve os processos que acarretam em uma noção limitante acerca das produções negro-africanas em oposição àquelas produzidas pela cultura branca ocidental. Essa análise nos permite compreender como o legado histórico do racismo afeta pessoas negras e, conseqüentemente, o reconhecimento de suas produções. Nesse sentido, a autora ainda irá nos dizer:

[...] sabemos o quanto a violência do racismo e de suas práticas nos despojou do nosso legado histórico, da nossa dignidade, da nossa história e da nossa contribuição para o avanço da humanidade nos níveis filosófico, científico, artístico e religioso; o quanto a história dos povos africanos sofreu uma mudança brutal com a violenta investida europeia, que não cessou de subdesenvolver a África; e como o tráfico negreiro trouxe milhões de africanos para o novo mundo... (Gonzalez, 2020, p. 136).

Gonzalez, de forma clara e contundente nos traz essas questões a fim de refletirmos sobre como o legado de opressão e humilhação que o racismo nos deixou, e que ainda opera em nossas produções intelectuais, e no caso específico deste trabalho, nas produções intelectuais de mulheres negras na música. Todavia, a autora ainda nos revela como a herança africana sempre nos permitiu a força necessária para resistir a todas as opressões e humilhações advindas do racismo. Vejamos:

O esquecimento ativo de uma história pontuada pelo sofrimento, pela humilhação, pela exploração, pelo etnocídio aponta para uma perda de identidade própria, logo reafirmada alhures (o que é compreensível em face das pressões raciais no próprio



país). Só que não se pode deixar de levar em conta a heroica resistência e a criatividade na luta contra a escravidão, o extermínio, a exploração, a opressão e a humilhação. Justamente porque, enquanto descendentes de africanos, a *herança africana* sempre foi a grande fonte revivificadora de nossas forças. (Gonzalez, 2020, p. 136).

No campo musical, ainda enfrentamos a herança dessa construção do pensamento que criou modos próprios de avaliações, legitimação e parâmetros para considerar o que é uma boa música e, conseqüentemente, pesquisa. A fala e o corpo seguiam disciplinados por estruturas de poder que condicionavam o reconhecimento social à adequação de determinados modos de comunicar-se e comportar-se. Se expressar de forma artística, poética, se inscrever de maneira autônoma na escrita e trazer para a pesquisa as suas próprias subjetividades não era algo que cabia no modelo enrijecido de se fazer ciência, ou de produzir conhecimento.

Nesse sentido, tomando como referência a produção intelectual de Mariana do Berimbau, na qual aprofunda discussões acerca da mulher negra e de sua produção de conhecimento a partir do caso de Jacinta Maria de Santana - mulher negra cujo corpo foi mumificado e exposto na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (USP) -, apresento a seguinte consideração:

Performar neutralidade diante do próprio texto é privilégio daqueles cuja existência não foi apagada. No caso de pessoas negras socialmente lidas como mulheres, como Jacinta e eu, admitir que existimos e pensamos é combater uma força histórica de construção de nossa ausência no papel de produtoras de conhecimento. Existimos e pensamos com o corpo todo, inclusive com as emoções que em nada reduzem nossa capacidade analítica (Lorde, 2019), ao contrário, potencializam nossas possibilidades de evitar formas atualizadas de mumificações e silenciamentos. Nunca nos foi dada a possibilidade de pretensa neutralidade, uma vez que ela é atribuída apenas à branquitude (Berimbau, 2024, p. 43).

Como bem contextualizado por Mariana do Berimbau, a nós, pessoas negras, especialmente, àquelas lidas socialmente como mulheres, a neutralidade em nossas pesquisas acadêmicas se torna um privilégio que não nos alcança devido ao legado histórico escravocrata de nosso país. Por isso, se posicionar enquanto uma pesquisadora negra radicalmente orgânica permite nos colocarmos como seres que pensam e produzem com o corpo todo, e isso não reduz nossa capacidade enquanto intelectuais.

É precisamente nesse contexto que as políticas de ações afirmativas, conquistadas a partir de décadas de reivindicações dos movimentos sociais, sobretudo do movimento negro, promoveram importantes transformações no perfil das universidades públicas brasileiras. A presença crescente de sujeitos historicamente marginalizados nesses espaços passou a tensionar estruturas excludentes e a ampliar as possibilidades de produção de conhecimento a partir de diferentes experiências e perspectivas sociais.



Com isso, a universidade precisou se reinventar criando políticas de ações afirmativas para que esses novos corpos pudessem não somente acessar, mas permanecer com qualidade. Sabemos que tais políticas ainda estão longe de oferecer condições adequadas para que esses novos sujeitos permaneçam com dignidade. Todavia, este trabalho não irá se aprofundar nessas questões, mas sim na presença negra nos cursos de música, e como isso impacta diretamente no currículo, na literatura do curso e, consequentemente, nas pesquisas desenvolvidas que buscam questionar e tensionar modelos historicamente colonizadores.

A autora, pesquisadora, musicista, professora e intelectual negra, Eurides de Souza Santos nos apresenta a seguinte reflexão acerca da presença negra nos cursos de música:

Na música brasileira, por mais numerosos e expressivos que sejam os nomes de artistas negra(o)s e seus repertórios, esses números e expressividade não condizem com os estudos desenvolvidos sobre o tema. Ainda são raros os estudos que retratam os artistas, a arte e os sentidos da produção musical negra brasileira. Nos cursos superiores, observa-se que algumas produções da música negra afrodiaspórica tais como o jazz, a música gospel, entre outros poucos gêneros, encontram considerável aceitação nos repertórios das orquestras, nos corais e demais conjuntos musicais, principalmente, quando se pretende incluir alguma variação (dar um pouco de graça) à norma da obrigatoriedade, manutenção e prevalência do repertório erudito europeu nas atividades institucionais. Essa aceitação, no entanto, não dá acesso à inclusão das epistemologias negras nos currículos acadêmicos. Quanto às pessoas negras, tem sido crescente o acesso de estudantes aos cursos superiores de música, porém, esse acesso esbarra na docência e, consequentemente, nos espaços de liderança. (De Souza Santos, 2022, p. 3).

A reflexão apresentada por Santos evidencia que a presença de sujeitos e produções musicais negras nos espaços acadêmicos não tem sido acompanhada por uma transformação efetiva das estruturas curriculares e epistemológicas da educação musical. Assim, a permanência da centralidade eurocêntrica nos cursos superiores de música continua limitando o reconhecimento das produções intelectuais e artísticas negras, bem como o acesso de pessoas negras aos espaços de docência, pesquisa e liderança acadêmica.

Mas onde se situa a mulher negra nesse debate sobre a pluralidade de conhecimento e cultura? Historicamente, mulheres negras tiveram seus corpos e suas vozes submetidos a múltiplos processos de silenciamento. Durante séculos, foram representadas por outros sujeitos, enquanto lhes era negado o direito de produzir narrativas sobre si mesmas, suas experiências e seus modos de compreender o mundo. A exclusão não se restringia somente ao acesso aos espaços formais de educação ou produção intelectual; tratava-se também da negação de sua humanidade plena e, consequentemente, da legitimidade de seus saberes.

Se a escrita assume o lugar de inscrição e, consequentemente, insubmissão da mulher negra em nossa sociedade, por outro lado a música, desde o Brasil colônia, atuou como veículo



discursivo capaz de expressar as singularidades e necessidades do povo negro. A esse respeito, a autora e mulher negra, Jurema Werneck nos apresenta as seguintes considerações:

Desde o Brasil colônia, a música foi vivida e produzida pelo contingente populacional negro não apenas como objeto de deleite, mas principalmente como veículo discursivo, como algo que fala, para além dos prazeres de ritmo e melodia. A música foi – e ainda é – um meio de produção e expressão de singularidades discursivas e/ou interpretativas à disposição de produtores e consumidores. Nela, se delinearam (delineiam) as afirmações identitárias necessárias para a constituição e positivação de mulheres e homens negros como indivíduos e grupos, em contextos extremamente desfavoráveis da escravidão e seus períodos subsequentes de exclusão racista. A música permitiu a circulação de informações acerca do regime e suas brechas, propiciando o confronto a outros discursos e práticas de subordinação, bem como a elaboração e disseminação de estratégias de liberdade. (Werneck, 2013, p. 5).

A partir da citação acima, podemos compreender como a música atuou enquanto ferramenta para a elaboração de estratégias e liberdade para o povo negro, criando desta forma uma vinculação entre corpo e voz, evidenciando, uma vez mais, as relações entre as corporeidades femininas negras em diáspora expressas tanto pela escrita, como pela música. Nessa perspectiva, Werneck ainda nos diz:

Para as mulheres negras, a audição, a transmissão oral, a recriação e a atualização de conteúdos têm sido prática reiterada ao longo dos séculos de existência diaspórica, através do que puderam reorganizar territórios culturais para si e seu grupo, em diálogo com as tradições e com as necessidades apresentadas pelas condições sociais e políticas adversas. Nesta perspectiva, a música, ao reafirmar a vinculação entre voz e corpo, ao recriar um passado africano de liberdade e prazer (a partir dos ritmos, mas não apenas deles), ao recolocar as dimensões do sagrado para além das esferas da cristandade ocidental, etc, ofereceu possibilidades ilimitadas de expressão e aglutinação. (Werneck, 2013, pp. 6-7).

Se a oralidade e a música constituíram, historicamente, estratégias de preservação da memória, de resistência e de reorganização dos territórios culturais diaspóricos, a escrita torna-se igualmente um instrumento de inscrição de si no mundo, de elaboração de narrativas próprias e de enfrentamento aos processos de silenciamento impostos pelo racismo e pelo sexismo. Escrever, para as mulheres negras, é também um gesto de aquilombamento e de reivindicação de humanidade, por meio do qual suas experiências, memórias e epistemologias deixam de ocupar as margens para afirmar-se como produções legítimas de conhecimento. Desse modo, música, voz, corpo e escrita entrelaçam-se em uma mesma dinâmica de resistência e criação, possibilitando a construção de outros modos de existir, narrar e imaginar futuros.

Nesse movimento, a trajetória de Carolina Maria de Jesus constitui um marco fundamental. A partir de uma postura radicalmente insubmissa, Carolina transforma a escrita em instrumento de denúncia, reflexão e produção intelectual. Ao narrar sua própria experiência, rompe com a lógica que reservava às mulheres negras apenas a condição de objeto de discurso





e afirma-se como sujeito capaz de interpretar, questionar e produzir conhecimento sobre a sociedade brasileira.

Em sua dissertação de mestrado sobre a construção da intelectualidade de Carolina Maria de Jesus, a historiadora e intelectual negra Carla Maria dos Santos Silva apresenta relevantes considerações acerca do legado da escritora como parte constitutiva da memória nacional: “E para Carolina Maria, a educação e a escrita representavam justamente essa possibilidade de deixar um legado - uma forma de atuação política e simbólica que permitisse à mulher negra ocupar um lugar de dignidade na memória nacional.” (Silva, 2025, p. 189).

Sob essa perspectiva, a escrita, para as mulheres negras, ultrapassa o âmbito da expressão individual e constitui-se como um instrumento de permanência, memória e resistência. Ao reivindicar para si o direito de escrever e de produzir conhecimento, Carolina Maria de Jesus inscreve sua existência e a de tantas outras mulheres negras na história nacional, recusando o apagamento e afirmando a legitimidade de suas experiências, saberes e legados.

Portanto, a centralidade da escrita na construção de uma intelectualidade negra feminina pode ser observada nas trajetórias de mulheres que, em diferentes tempos e contextos, desafiaram os limites impostos pelo racismo e pelo sexismo para inscrever suas vozes na história. De Maria Firmina dos Reis, pioneira da literatura negra brasileira, a Mãe Stella de Oxóssi, que transformou a escrita em instrumento de preservação e difusão dos saberes afro-religiosos, passando por Lélia Gonzalez (2020), Beatriz Nascimento (2021) e Conceição Evaristo (1996), encontramos mulheres que compreenderam a palavra como território de disputa política, produção de memória e elaboração de conhecimento. Em suas obras, a escrita não se apresenta apenas como registro, mas como prática de existência, resistência e reinvenção do mundo.

No campo musical, essa mesma tradição intelectual manifesta-se por outras linguagens. Mulheres como Tia Ciata, Clementina de Jesus e Dona Ivone Lara produziram conhecimentos fundamentais para a manutenção e recriação das culturas afro-brasileiras, fazendo da música, da oralidade, da performance e da vida comunitária espaços de transmissão de saberes ancestrais. Suas trajetórias evidenciam que a produção intelectual negra não se restringe à palavra escrita ou aos espaços formais da academia, mas se constitui também nas sonoridades, nos corpos, nos terreiros, nas rodas de samba e nas práticas coletivas que sustentam a memória e a continuidade da vida negra no Brasil.

Corporeidades negras na música



Refletir sobre as corporeidades negras na música é um exercício complexo, pois pensar o corpo negro como contraproposta ao discurso hegemônico construído no imaginário social da população brasileira, é um dos maiores desafios de nossa contemporaneidade.

Neste trabalho, utilizamos o termo “corporeidades”, no plural, justamente para dar conta, por meio das palavras, de descrever corporeidades férteis, dinâmicas e plurais que carregam suas próprias subjetividades e particularidades.

A pesquisadora, professora, cantora lírica, dançarina e mulher negra, Inaicyra Falcão, em suas produções intelectuais irá discutir o corpo e sua ancestralidade como pluralidade corporal. A autora, afirma que conhecer a herança negro-africana é assumir as múltiplas influências da tradição. Portanto, o movimento corporal por ela é entendido como uma proposta pluricultural de ressignificação de valores que influenciam os pensamentos das tradições africanas no Brasil. A seguir:

O movimento corporal é entendido como universal; está presente na história dos povos, reinscrevendo tradições e constituindo um denominador comum que é tomado como princípio para o ensino da dança. A proposta pluricultural Corpo e Ancestralidade trilha um caminho que entrelaça a tradição herdada, a oralidade, a mitologia, as danças, os cantos, os gestos, os ritmos de forma técnica e criativa. Assim, é instaurado um campo para a ressignificação, na contemporaneidade, de valores míticos que influenciam os pensamentos, a natureza e a forma da tradição africana brasileira e as histórias individuais. (Dos Santos, 2009, p. 33).

Na música, essas corporeidades se manifestam a partir das musicalidades construídas em comunidade a partir dos terreiros, escolas de samba, festas afro-religiosas, blocos afros de carnaval e entre outros. Essas manifestações, por sua vez, carregam questões culturais, religiosas, filosóficas e modos plurais de se relacionar com o som e a vida. Por essa razão, se torna importante discutirmos a respeito de tais conceitos no âmbito musical, uma vez que, se faz necessário ampliarmos e aprofundarmos as relações sociais que acontecem na música.

São esses corpos, que em sua maioria, reivindicam lugares subalternos impostos historicamente a figura da mulher negra. Em especial, no contexto acadêmico, são essas mulheres que procuram pensar e, conseqüentemente, construir espaços para que as corporeidades negras femininas possam se mover por meio das palavras, a partir do fazer acadêmico enquanto pesquisas sonoras e corporais, que confluem com a emancipação desses corpos.

Em trabalhos anteriores, discorro sobre o protagonismo de mulheres negras na música como um território simbólico e político de pertencimento de seus corpos e vozes, no qual as epistemologias femininas negras reivindicam os modelos tradicionais de se relacionar com a pesquisa e a arte sonora, impostos historicamente pelas universidades:



Em uma perspectiva afrodiaspórica, observa-se que mulheres negras vêm ocupando com notável protagonismo diversos espaços no campo musical, atuando como instrumentistas, intérpretes, regentes, compositoras, produtoras, pesquisadoras e educadoras. Muito além de sua inserção profissional, suas práticas artísticas e pedagógicas operam como formas complexas de elaboração subjetiva, nas quais se articulam memória ancestral, experiência diaspórica e enfrentamento ao racismo estrutural.

Ao mobilizarem saberes e estéticas forjadas na resistência histórica de seus povos, essas mulheres constroem sonoridades que reconfiguram sentidos de pertencimento e identidade, produzindo modos singulares de existir e de narrar o mundo a partir de suas vivências racializadas e generificadas. Assim, a música torna-se não apenas um campo de atuação, mas um território simbólico e político de afirmação, cura e transformação.

Logo, as epistemologias feministas negras reivindicam e contestam os modelos vigentes de transmissão e controle de conhecimento postos pela academia. (Souza, 2025, p. 27).

Nesse contexto, pensar as corporeidades negras na música implica reconhecer que os processos de criação, performance e pesquisa não se desenvolvem em um terreno neutro, mas são atravessados por experiências históricas, culturais e políticas. Para mulheres negras, o fazer musical e acadêmico frequentemente se constitui como um espaço de enfrentamento às estruturas que tentam silenciar suas vozes, seus saberes e suas formas de existência. Assim, suas produções ultrapassam o campo estético e passam a afirmar outras possibilidades de conhecimento, construídas a partir da memória, da ancestralidade, da coletividade e das vivências cotidianas.

Desse modo, suas trajetórias evidenciam que a música também pode ser compreendida como um território de resistência e produção epistemológica. Reconhecer essas contribuições significa ampliar os horizontes do campo musical e acadêmico, valorizando perspectivas que, por muito tempo, foram marginalizadas, mas que hoje se afirmam como fundamentais para a construção de práticas mais plurais, críticas e socialmente comprometidas.

Referências

- BERIMBAU, Mariana do. JACINTA MARIA DE SANTANA: uma mulher negra mumificada pela/na história da educação e das ciências. **Revista Teias**, v. 25, n. 78, p. 31-47, 2024. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistateias/article/view/84126/50937>. Acesso em: 20 jun. 2026.
- DE SOUZA SANTOS, Eurides. Racismo Acadêmico na Música: um diálogo com o Manifesto das pessoas negras contra o racismo nos cursos de música. In: **XXXI Congresso da ANPPOM**. 2022. Disponível em: [file:///C:/Users/steso/Downloads/927-4131-1-PB%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/steso/Downloads/927-4131-1-PB%20(2).pdf). Acesso em: 20 jun. 2026.





EVARISTO, Conceição. **Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade.**

Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) - PUC-Rio, Rio de Janeiro, RJ, 1996.

DOS SANTOS, Inaicyra Falcão. Dança e pluralidade cultural: corpo e ancestralidade. **São**

Paulo, Múltiplas Leituras, n. 1, p. 31-38, 2009. Disponível em:

[https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/75820711/d48aa9451311009651064dc923756f5780ba-](https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/75820711/d48aa9451311009651064dc923756f5780ba-libre.pdf?1638816508=&response-content-)

[disposition=inline%3B+filename%3DDanca_e_Pluralidade_Cultural_Corpo_e_Anc.pdf&Expires=1782079967&Signature=dmwAml~rr-lC6OhvR-](https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/75820711/d48aa9451311009651064dc923756f5780ba-libre.pdf?1638816508=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DDanca_e_Pluralidade_Cultural_Corpo_e_Anc.pdf&Expires=1782079967&Signature=dmwAml~rr-lC6OhvR-FTfwtTyM0y2J5qlpGKddus6F4VwPlrZmrjkLlaRhofW42ytiVs6HEzGpc0eTvGXXn~4j6aDTKnGKlB1LofpGgguTZMIENosLfLS2qDiXcpVvoKorNZ3~j2kzlMmYTXP8ucLd3s-CNDpXka2FtIDEoMMZ6QUjZ98qExHuiB0X59F-ZTpa~R22yrFBjzgoREaPvCv5wAMC-rjc805c4lF9i8YcDDkxAhEP2iUxMBesuQjxG9gxsmkE7cExp5M6KpflSTL7M4Eb5~4RACyhBdk7Wc~4F2ZHL6Ktk4CxZG5IM4AUW1x3LmLz6wehVA8Qwu3eDncQ__&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA)

[FTfwtTyM0y2J5qlpGKddus6F4VwPlrZmrjkLlaRhofW42ytiVs6HEzGpc0eTvGXXn~4j6aD](https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/75820711/d48aa9451311009651064dc923756f5780ba-libre.pdf?1638816508=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DDanca_e_Pluralidade_Cultural_Corpo_e_Anc.pdf&Expires=1782079967&Signature=dmwAml~rr-lC6OhvR-FTfwtTyM0y2J5qlpGKddus6F4VwPlrZmrjkLlaRhofW42ytiVs6HEzGpc0eTvGXXn~4j6aDTKnGKlB1LofpGgguTZMIENosLfLS2qDiXcpVvoKorNZ3~j2kzlMmYTXP8ucLd3s-CNDpXka2FtIDEoMMZ6QUjZ98qExHuiB0X59F-ZTpa~R22yrFBjzgoREaPvCv5wAMC-rjc805c4lF9i8YcDDkxAhEP2iUxMBesuQjxG9gxsmkE7cExp5M6KpflSTL7M4Eb5~4RACyhBdk7Wc~4F2ZHL6Ktk4CxZG5IM4AUW1x3LmLz6wehVA8Qwu3eDncQ__&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA)

[TKnGKlB1LofpGgguTZMIENosLfLS2qDiXcpVvoKorNZ3~j2kzlMmYTXP8ucLd3s-](https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/75820711/d48aa9451311009651064dc923756f5780ba-libre.pdf?1638816508=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DDanca_e_Pluralidade_Cultural_Corpo_e_Anc.pdf&Expires=1782079967&Signature=dmwAml~rr-lC6OhvR-FTfwtTyM0y2J5qlpGKddus6F4VwPlrZmrjkLlaRhofW42ytiVs6HEzGpc0eTvGXXn~4j6aDTKnGKlB1LofpGgguTZMIENosLfLS2qDiXcpVvoKorNZ3~j2kzlMmYTXP8ucLd3s-CNDpXka2FtIDEoMMZ6QUjZ98qExHuiB0X59F-ZTpa~R22yrFBjzgoREaPvCv5wAMC-rjc805c4lF9i8YcDDkxAhEP2iUxMBesuQjxG9gxsmkE7cExp5M6KpflSTL7M4Eb5~4RACyhBdk7Wc~4F2ZHL6Ktk4CxZG5IM4AUW1x3LmLz6wehVA8Qwu3eDncQ__&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA)

[CNDpXka2FtIDEoMMZ6QUjZ98qExHuiB0X59F-ZTpa~R22yrFBjzgoREaPvCv5wAMC-](https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/75820711/d48aa9451311009651064dc923756f5780ba-libre.pdf?1638816508=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DDanca_e_Pluralidade_Cultural_Corpo_e_Anc.pdf&Expires=1782079967&Signature=dmwAml~rr-lC6OhvR-FTfwtTyM0y2J5qlpGKddus6F4VwPlrZmrjkLlaRhofW42ytiVs6HEzGpc0eTvGXXn~4j6aDTKnGKlB1LofpGgguTZMIENosLfLS2qDiXcpVvoKorNZ3~j2kzlMmYTXP8ucLd3s-CNDpXka2FtIDEoMMZ6QUjZ98qExHuiB0X59F-ZTpa~R22yrFBjzgoREaPvCv5wAMC-rjc805c4lF9i8YcDDkxAhEP2iUxMBesuQjxG9gxsmkE7cExp5M6KpflSTL7M4Eb5~4RACyhBdk7Wc~4F2ZHL6Ktk4CxZG5IM4AUW1x3LmLz6wehVA8Qwu3eDncQ__&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA)

[rjc805c4lF9i8YcDDkxAhEP2iUxMBesuQjxG9gxsmkE7cExp5M6KpflSTL7M4Eb5~4RAC](https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/75820711/d48aa9451311009651064dc923756f5780ba-libre.pdf?1638816508=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DDanca_e_Pluralidade_Cultural_Corpo_e_Anc.pdf&Expires=1782079967&Signature=dmwAml~rr-lC6OhvR-FTfwtTyM0y2J5qlpGKddus6F4VwPlrZmrjkLlaRhofW42ytiVs6HEzGpc0eTvGXXn~4j6aDTKnGKlB1LofpGgguTZMIENosLfLS2qDiXcpVvoKorNZ3~j2kzlMmYTXP8ucLd3s-CNDpXka2FtIDEoMMZ6QUjZ98qExHuiB0X59F-ZTpa~R22yrFBjzgoREaPvCv5wAMC-rjc805c4lF9i8YcDDkxAhEP2iUxMBesuQjxG9gxsmkE7cExp5M6KpflSTL7M4Eb5~4RACyhBdk7Wc~4F2ZHL6Ktk4CxZG5IM4AUW1x3LmLz6wehVA8Qwu3eDncQ__&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA)

[yhBdk7Wc~4F2ZHL6Ktk4CxZG5IM4AUW1x3LmLz6wehVA8Qwu3eDncQ__&Key-Pair-](https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/75820711/d48aa9451311009651064dc923756f5780ba-libre.pdf?1638816508=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DDanca_e_Pluralidade_Cultural_Corpo_e_Anc.pdf&Expires=1782079967&Signature=dmwAml~rr-lC6OhvR-FTfwtTyM0y2J5qlpGKddus6F4VwPlrZmrjkLlaRhofW42ytiVs6HEzGpc0eTvGXXn~4j6aDTKnGKlB1LofpGgguTZMIENosLfLS2qDiXcpVvoKorNZ3~j2kzlMmYTXP8ucLd3s-CNDpXka2FtIDEoMMZ6QUjZ98qExHuiB0X59F-ZTpa~R22yrFBjzgoREaPvCv5wAMC-rjc805c4lF9i8YcDDkxAhEP2iUxMBesuQjxG9gxsmkE7cExp5M6KpflSTL7M4Eb5~4RACyhBdk7Wc~4F2ZHL6Ktk4CxZG5IM4AUW1x3LmLz6wehVA8Qwu3eDncQ__&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA)

[Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA](https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/75820711/d48aa9451311009651064dc923756f5780ba-libre.pdf?1638816508=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DDanca_e_Pluralidade_Cultural_Corpo_e_Anc.pdf&Expires=1782079967&Signature=dmwAml~rr-lC6OhvR-FTfwtTyM0y2J5qlpGKddus6F4VwPlrZmrjkLlaRhofW42ytiVs6HEzGpc0eTvGXXn~4j6aDTKnGKlB1LofpGgguTZMIENosLfLS2qDiXcpVvoKorNZ3~j2kzlMmYTXP8ucLd3s-CNDpXka2FtIDEoMMZ6QUjZ98qExHuiB0X59F-ZTpa~R22yrFBjzgoREaPvCv5wAMC-rjc805c4lF9i8YcDDkxAhEP2iUxMBesuQjxG9gxsmkE7cExp5M6KpflSTL7M4Eb5~4RACyhBdk7Wc~4F2ZHL6Ktk4CxZG5IM4AUW1x3LmLz6wehVA8Qwu3eDncQ__&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA). Acesso em: 21 jun. 2026.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Rio de Janeiro: Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2020.

NASCIMENTO, Beatriz. **Uma história feita por mãos negras**. São Paulo. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2021.

SILVA, Carla Maria dos Santos. **E não é ela uma intelectual? trajetória e contribuições de Carolina Maria de Jesus à intelectualidade brasileira**. 2025. Dissertação (Mestrado em Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2025.

SOUZA, Stefani Silva. Confluências sonoras e a escrita para a mulher negra. **Revista Música**, [S. l.], v. 25, n. 2, p. 19–42, 2025. DOI: [10.11606/issn.2238-7625.rm.2025.241669](https://doi.org/10.11606/issn.2238-7625.rm.2025.241669). Disponível em: <https://revistas.usp.br/revistamusica/article/view/241669>. Acesso em: 18 jun. 2026.

WERNECK, Jurema. Macacas de Auditório? Mulheres negras, racismo e participação na música popular brasileira. **BRASIL. Prêmio Mulheres Negras contam sua história. Brasília: Presidência da República, secretaria de políticas para mulheres**, 2013. Disponível em: https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2013/04/artigo_jurema.pdf. Acesso em: 21 jun. 2026.